

O SONHO DE MULHERES QUE VOAM RUMO À UNIVERSIDADE PÚBLICA

The dream of women who fly toward public universities

El sueño de mujeres que vuelan rumbo a la universidad pública

Le rêve des femmes qui s'envolent pour l'université publique

10.5020/23590777.rs.v23i3.e13627

Jaquelina Maria Imbrizi

Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É membra do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política da Universidade de São Paulo (PSOPOL). Coordena o diretório de pesquisas do CNPq "Laboratório Psicanálise, Política, Arte e Sociedade (PPAS) e o projeto de extensão: Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes.

Jussara de Souza Silva

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro Laboratório de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade e no Núcleo de Investigação e estudos em Psicanálise, Saúde e Sociedade (NIEPSS) e Pesquisadora de Iniciação Científica na área da Psicologia Social e Criminal, sob viés da Criminologia Crítica.

Resumo

O que significa para as mulheres a aprovação no vestibular e a entrada em cursos nas universidades públicas? Para algumas dessas jovens pode significar a fuga de um ambiente familiar opressor em direção ao espaço acadêmico que ainda oferece lugares para o exercício do pensamento crítico sobre as desigualdades de classe e gênero vinculadas a um capitalismo de raiz escravocrata. O objetivo deste artigo é apresentar a invenção de um dispositivo grupal em psicanálise intitulado "Roda de Conversa sobre Sonhos" e analisar duas narrativas oníricas e os processos associativos grupais compartilhados em dois encontros ocorridos no ano de 2021. Para tanto, discutimos as matrizes teóricas que subsidiaram a criação da proposta e os três modos de tratamento do material onírico: singular, interspíquico acompanhado da crítica à cultura e prospectivo. Os dados produzidos foram analisados tendo como referência a leitura crítica de filósofas e psicanalistas feministas sobre o patriarcado. Por um lado, foi possível considerar que a indústria cultural incide nos sonhos, moldando nas pessoas atitudes pautadas no sexismo e na expectativa de salvação pelo amor romântico. Por outro lado, as cadeias associativas indicaram a crítica às amarras sociais que obstaculizam a liberdade feminina.

Palavras-chave: grupo, sonho, psicanálise, feminismo, indústria cultural

Abstract

What does the approval in the entrance exam and entering courses at public universities mean for women? For some of these young women, it may mean escaping an oppressive family environment towards an academic space that still offers places to exercise critical thinking about class and gender inequalities linked to capitalism with slave roots. The objective of this article is to present the invention of a group device in psychoanalysis entitled "Roda de Conversa sobre Sonhos" (Conversation Cycle about Dreams) and to analyze two dream narratives and the group associative processes shared in two meetings that occurred in 2021. To this end, we discuss the theoretical matrices that supported the creation of the proposal and the three ways of treating dream material: singular, interspíquico accompanied by criticism of culture and prospective. The data produced was analyzed concerning the critical reading of feminist philosophers and psychoanalysts on patriarchy. On the one hand, it was possible to consider that the cultural industry affects dreams, shaping people's attitudes based on sexism and the expectation of salvation through romantic love. On the other hand, the associative chains indicated criticism of the social constraints that hinder female freedom.

Keywords: group, dream, psychoanalysis, feminism, cultural industry

Resumen

¿Qué significa para las mujeres la aprobación en las oposiciones y la entrada en cursos en las universidades públicas? Para algunas de estas jóvenes puede significar el escape de un ambiente familiar opresor en dirección al espacio académico que aún ofrece sitios para el pensamiento crítico sobre las desigualdades de clase y género vinculadas a un capitalismo de raíz esclavista. El objetivo de este artículo es presentar la invención de un dispositivo grupal en psicoanálisis titulado “Rueda de Charla sobre Sueños” y analizar dos narrativas oníricas y los procesos asociativos grupales compartidos en dos encuentros ocurridos en el año de 2021. Para tanto, discutimos las matrices teóricas que subsidiaron la creación de la propuesta y los tres modos de tratamiento del material onírico: singular, intersíquico acompañado de la crítica a la cultura y prospectivo. Los datos producidos fueron analizados teniendo como referencia la lectura crítica de filósofas y psicoanalistas feministas sobre el patriarcado. Por un lado, fue posible considerar que la industria cultural incide en los sueños, moldeando en las personas actitudes basadas en el sexismo y en la expectativa de salvación por el amor romántico. Por otro lado, las cadenas asociativas indicaron la crítica a las amarras sociales que obstaculizan la libertad femenina.

Palabras clave: grupo, sueño, psicoanálisis, feminismo, industria cultural

Résumé

Que signifie pour les femmes la réussite de l'examen d'entrée et l'accès aux cours dans les universités publiques ? Pour certaines de ces jeunes, cela peut représenter une échappatoire à un environnement familial oppressant vers un espace académique offrant encore des lieux pour exercer la pensée critique sur les inégalités de classe et de genre, liées à un capitalisme aux racines esclavagistes. L'objectif de cet article est de présenter l'invention d'un dispositif de groupe en psychanalyse intitulé “Roue de Conversation sur les Rêves” et d'analyser deux récits oniriques et les processus associatifs de groupe partagés lors de deux réunions qui ont eu lieu en 2021. Par conséquent, nous discutons des cadres théoriques qui ont contribué à la création de la proposition ainsi que des trois façons de traiter le matériel onirique : le singulier, l'interpsychique suivi d'une critique de la culture, et le prospectif. Les données produites ont été analysées en référence à la lecture critique des philosophes et des psychanalystes féministes sur le patriarcat. D'une part, il était possible de considérer que l'industrie culturelle se concentre sur les rêves, façonnant les attitudes des gens selon le sexisme et l'attente du salut par l'amour romantique. D'autre part, les chaînes associatives ont indiqué la critique aux nœuds sociaux qui entravent la liberté des femmes.

Mots-clés: groupe, rêve, psychanalyse, féminisme, industrie culturelle

Quero pedir desculpas a todas as mulheres que descrevi como bonitas antes de dizer inteligentes ou corajosas. Fico triste por ter falado como se algo tão simples que nasceu com você fosse seu maior orgulho quando seu espírito já despedaçou montanhas. De agora em diante, vou dizer coisas como: “Você é forte!” ou “Você é incrível!”. Não porque eu não te ache bonita, mas porque você é muito mais do que isso (Kaur, 2017, p. 218).

O que significa para jovens mulheres a aprovação no vestibular e a entrada em cursos na universidade pública? Como muitas delas precisam mudar de cidade e ficar longe da família, esse momento pode representar, ao mesmo tempo, o abandono do conforto do lar e a fuga das relações opressivas familiaristas. A partir da experiência de criação de espaços para a livre circulação da palavra – como rodas de discussão com universitárias – vinculados a projetos de extensão e pesquisa desenvolvidos na Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista (Ramos et al., 2021), foi possível constatar nos ambientes familiares de origem dessas estudantes, relações estruturadas no sexismo inerente à uma sociedade patriarcal e marcadas pela visão heteronormativa da sexualidade. Revelam-se também modos de convivência pautados em uma educação enraizada na permissividade direcionada aos filhos homens, na repressão direcionada às filhas mulheres e no preconceito contra a homoafetividade (Imbrizi et al., 2022).

Em decorrência da leitura de autores críticos ao contexto sociopolítico brasileiro enraizado em um sistema escravocrata, machista e autoritário (Gonzalez, 1984, 2020; Ribeiro, 2017, 2018, 2019), a universidade pública produz espaços para o pensamento crítico e reflexivo com vistas à desconstrução desses modelos heteronormativos e atributos estereotipados esperados das atitudes de mulheres, homens e pessoas não binárias em pleno século XXI. Assim, as juventudes, ao adentrarem o espaço universitário e residirem em repúblicas de estudantes ou outras formas de moradia, por sua vez, vão experimentando responsabilidades, como também, vão convivendo com diferentes modos de produzir mundos.

Como exemplo de atividades acadêmicas ofertadas, há as oficinas de escrita autobiográfica, o método de narrativas de

história de vida (Imbrizi et al., 2018) e os dispositivos grupais em psicanálise, que incentivam a autorreflexão crítica e as problematizações da exploração sexual e social das mulheres na sociedade contemporânea. Essas ações estão inseridas nos projetos de extensão: “Mulheres, Arte e Cuidado”, “Escuta Clínico-Política Singular e em Processos Grupais” e “Arte e Sonho: Abordagem Psicanalítica nos Modos de Cuidar das Juventudes”, nos quais as questões de gênero foram explicitadas e analisadas como resultado de pesquisas desenvolvidas na universidade.

Cabe ressaltar também que as representações sobre o passado, presente e futuro estão embaralhadas nos traços mnêmicos de estudantes, professores e nas formas de gestão do ensino ainda tracejadas pela dominação masculina nos quadros docentes. Há que se ressaltar os contrapontos entre um ambiente familiar ainda marcado pelo patriarcado¹ e a permissividade presente nos produtos da indústria cultural (Horkheimer & Adorno, 1985) – os quais potencializam certos deslocamentos dos lugares sociais preestabelecidos para as mulheres na sociedade contemporânea. Podemos citar o filme *A Filha Perdida* (Gyllenhaal, 2021; Imbrizi, 2022), a série de televisão *The Handmaid's Tale*, *O Conto da Aia* (Miller, 2017), inspirada no livro de mesmo nome da autora Margaret Atwood (2017), a produção literária de Elena Ferrante como *A Amiga Genial: Infância, Adolescência* (Ferrante, 2011) e outros livros da tetralogia, sempre referenciados pelas estudantes nos espaços de discussão ofertados no espaço acadêmico.

Com a emergência da pandemia em março de 2020, no Brasil, as atividades acadêmicas foram suspensas nas universidades. Nesse contexto, os estudantes sofriam com as transformações em seus cotidianos por conta das novas regras sanitárias de distanciamento físico e por uma gestão desastrosa do governo federal incapaz de proteger em tempo hábil a vida da população (Silva et al., 2021). Acresce-se a esses dois fatores o caso das universidades públicas: o ataque sem precedentes do governo de extrema direita ao conhecimento crítico e reflexivo, às conquistas do movimento feminista e à destruição paulatina dos espaços físicos e das políticas afirmativas que já são consequências visíveis da redução drástica e perversa do orçamento público direcionado ao ensino superior e às pesquisas. Como resultado, emergiram, e ainda emergem, impactos psíquicos nos universitários devido ao sentimento de ameaça à sua própria permanência no ambiente acadêmico e à existência das universidades públicas voltadas para pessoas de todas as classes sociais (Imbrizi, 2020) e não só para as elites, conforme configurado em nosso passado recente. Dessa forma, a pandemia associada ao governo brasileiro de extrema direita pode significar uma máquina de moer sonhos das juventudes universitárias (Imbrizi et al., 2021).

Sendo assim, o objetivo deste artigo é o de apresentar um dispositivo grupal em psicanálise, criado para acolher a dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2016) desencadeada pela pandemia: a “Roda de Conversa Sobre Sonhos”. Com vistas a atingir este objetivo, faremos a exposição do método de tratamento das narrativas oníricas compartilhadas na Roda de Conversa – pautado em diferentes autores que dialogam com a teoria dos sonhos (Companhia das Letras, 2020 – Mesa com Krenak e Ribeiro; Freud, 1900/2019, 1920/2010; Kaës, 2004). Na sequência, apresentaremos duas narrativas oníricas, “A Fuga das Galinhas” e “O Sonho de Uma Linda Mulher”, em que os processos associativos grupais e a análise do material foram feitas à luz da leitura crítica de filósofas e psicanalistas feministas antissexistas (Cixous, 2022; Irigaray, 2017). Nas considerações finais, assinalaremos a interferência de alguns produtos da indústria cultural (Ubuntu Psicanálise, 2021, vídeo com Ab'Sáber), principalmente o cinema, no material onírico. Para este artigo, interessa-nos delinear as expectativas sobre as atitudes das mulheres na sociedade contemporânea e os impasses colocados para elas quando em contato com ambientes universitários que criticam os modelos heteronormativos e sexistas vinculados ao patriarcado.

A metodologia da roda de conversa sobre sonhos

A ação de extensão “Roda de Conversa sobre Sonhos” teve seu início em março de 2020 e está estruturada em encontros quinzenais que reúnem a comunidade acadêmica e as pessoas da cidade com o objetivo de partilhar narrativas oníricas. As atividades são on-line, pela plataforma Google Meet, e são divulgadas nas redes sociais. Não há obrigatoriedade de frequência e os componentes do grupo são diferentes a cada encontro, majoritariamente composto por universitárias² no qual participam, em média, dez pessoas. A organização é realizada pela coordenadora do projeto, a qual conta com o apoio da equipe de extensionistas. Os encontros são transcritos após o consentimento das participantes.

Atualmente, o manejo dos encontros grupais ocorre da seguinte forma: há o alerta das facilitadoras (coordenadora e extensionistas) de que não haverá ênfase na intimidade e na vida privada das sonhantes, mas sim há o privilégio da construção de articulações entre o material onírico e o contexto histórico e sociopolítico diante da catástrofe sanitária advinda de tempos

1 O patriarcado está sendo considerado, conforme Martins e Moreira (2020, p. 59), um “(...) conceito operador importante para descrever a forma de organização social que está baseada na superioridade masculina – que justificaria a autoridade paterna e a subordinação das mulheres e dos filhos na sucessão patrilinial”.

2 Aqui será utilizado o plural no feminino, pois a maioria das pessoas que coordenam e participam da Roda são mulheres e também condiz com a proposta do texto

pandêmicos. Em seguida, há o convite para que uma participante conte um sonho. Após esse momento, todas são convidadas para estabelecer associações sobre o sonho escutado e partilhado na Roda.

Foram criadas então três dimensões de tratamento do material onírico. A primeira delas foi intitulada “singular”, pois se inspira na defesa de Freud (1900/2019) de que os sonhos têm sentido e significado e as associações oriundas do sonhador têm prioridade no processo de interpretação. Para ele, o sonho é o guardião do sono e sua função é a de realização de desejos infantis inconscientes deformados. Posteriormente, no contexto do fim da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), Freud (1920/2010) insere outra função do sonho: o trabalho psíquico de elaboração dos acontecimentos traumáticos. Esse tipo de sonho tende a se repetir, despertando o sonhante, ao invés de proteger o seu sono. Portanto, essa dimensão do tratamento do sonho diz respeito à singularidade do sonhante, de sua história de vida e dos restos diurnos que desencadearam o trabalho do sonho.

A segunda dimensão do tratamento do material onírico, intitulada “intersíquica acompanhada da crítica à cultura” é inspirada nas ideias de Charlotte Beradt (2017) e René Kaës (2004). Nas pesquisas desses autores há a ênfase no comum das experiências das pessoas que interferem enquanto a matéria-prima do sonho. Beradt (2017) coletou sonhos na Alemanha da década de 1930, demonstrou a invasão da vida de vigília no material onírico e valorizou os conteúdos manifestos dos sonhos em articulação com as ideias dos autores vinculados à literatura distópica. Nessa toada, ela realizou uma crítica às sociedades totalitárias. No caso do grupalista e psicanalista, há a ênfase no fato de que se Freud valorizou o espaço intrapsíquico do sonho, em situações grupais, há que se enfatizar os espaços intersíquicos, comuns e compartilhados, pois quem conta um sonho pode estar ocupando uma função no grupo, a de porta-sonhos. Assim, o sonho passa a ser de todos e pode figurar as angústias e os desejos dos componentes daquele encontro. Nesse caso, há o reconhecimento dos processos associativos grupais e o encontro com o segundo umbigo do sonho: o ininterpretável no embate com o outro no espaço intersíquico. Ademais, Kaës (2004) sustenta o nosso entendimento de que o sonho contado na Roda é disparador para a partilha de experiências diversas e para a emergência de cadeias associativas responsáveis por estimular o processo de elaboração psíquica, de modo a assinalar os espaços “entre” os conteúdos manifestos e latentes, incidindo sobre o pré-consciente.

Cabe ressaltar que inventamos, a partir das inspirações nesses dois autores, um tipo de manejo do grupo com vistas à crítica à cultura (Horkheimer & Adorno, 1985), principalmente àquelas matrizes que produzem a dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2016). Nesse sentido, aproximamo-nos do terceiro umbigo do sonho (Kaës, 2004), o qual se refere aos enigmas presentes na relação entre a produção subjetiva e o contexto histórico e político interferente no material onírico.

A terceira dimensão do tratamento do sonho, intitulada prospectiva, diz respeito à criação de novos horizontes políticos possíveis, pois para além da crítica à cultura deve se indicar proposições para superar as condições desiguais de vida e eliminar aquelas ações humanas que produzem a devastação do planeta terra. Krenak e Ribeiro (Companhia das Letras, 2020) são autores que alicerçam nossas reflexões sobre a função prospectiva do sonho. Portanto, é possível afirmar que o material onírico compartilhado, ao propiciar os processos associativos grupais, medeia o contato de cada componente com seus processos de elaboração psíquica de modo a buscar alternativas para a resolução de problemas coletivos. A hipótese é a de que, as participantes, ao desenvolverem a capacidade de conviver com conflitos inerentes à existência humana, estariam mais habilitadas para conduzir um futuro com melhores condições de vida para todos e todas.

Para a feitura deste artigo foram selecionados trechos do material transcrito de dois encontros da Roda de Sonhos. O primeiro ocorreu no mês de fevereiro de 2021, no qual foi discutida a narrativa onírica intitulada “O Sonho de uma Linda Mulher”; e o segundo aconteceu no mês de dezembro de 2021, cujo sonho disparador foi denominado “A Fuga das Galinhas”. A escolha desses dois encontros teve como critério as inserções das questões de gênero e classe social nas narrativas oníricas³.

Apresentação das duas narrativas oníricas e os processos associativos grupais

A narrativa onírica “O Sonho de Uma Linda Mulher”

Eu sonhei que eu estava em um espaço público. Era um lugar parecido com um restaurante, ele era pequeno, tipo um bistrô, mas ao adentrar nele, o espaço ia se ampliando. Eu cheguei com uma pessoa muito mais velha que estava sendo o meu crush na ocasião. Era um homem, bem bonitão, grisalho e aí ele me abraçava, me conduzia até a mesa. Eu pensei: “nossa, que sensação diferente, ser abraçada por uma pessoa tão mais velha, mas sabe que é bom, não é tão ruim assim”. Nos sentamos, começamos a conversar, achei o papo super interessante, eu pensei: “será que vai passar de um papo? Será que eu vou conseguir ter interesse por outras coisas? Será?” E na abordagem dele, a sensação era a de aconchego e segurança, de ser uma coisa diferente do que

3 Desde 2020 foram contados 60 narrativas oníricas partilhadas na Roda de Sonhos. Foi possível perceber que a questão da violência de gênero apareceu na maioria delas, seja de modo manifesto nos sonhos, seja de modo latente e que emergia nos processos associativos do grupo.

eu faço normalmente. Porque está muito difícil ter um relacionamento e eu pensei “vai vir alguém”. Esse foi o último flash que eu tive. (Trecho da Roda)

Os processos associativos grupais à luz da dimensão “singular” de tratamento do sonho. A sonhante afirmou que a última cena tinha relação com sua história pessoal e exclamou: “Como está difícil namorar!”. Ela interpretou o sonho como uma luz no final do túnel, porque estava com muita saudade de frequentar lugares públicos e de confraternizar com as pessoas. Trata-se de um sonho de realização de desejos, apesar da presença de dúvidas sobre a possibilidade de satisfazê-los na narrativa onírica. A facilitadora da Roda interveio dizendo que esse sonho pode representar uma imposição comum ao universo feminino (Irigaray, 2017) vinculado a um discurso repetitivo sobre a necessidade de ter um namorado. Há uma posição subjetiva passiva, como se estivessem esperando “que alguém venha” e retire-as da solidão, ao invés de as mulheres superarem uma estrutura discursiva cujo assunto se reduz aos homens ou a falta deles para se alcançar o amor romântico. A sonhante concordou e disse que esse é um questionamento muito presente nas Rodas de Sonhos nas quais ela participou: “qual é o lugar da mulher na luta por seus direitos e pela sua liberdade na contemporaneidade?”.

Vivian⁴ afirmou ter dificuldades de se ver representada por mulheres que ocupam o espaço público. Ela mencionou Flordelis, ex-deputada federal e missionária que teve o seu mandato cassado por ser acusada de arquitetar e envolver seus filhos no assassinato do seu marido (Pierre & Coelho, 2021), ganhando visibilidade nas redes sociais naquele momento histórico. Os processos associativos grupais apontam para o fato de que, não basta ser mulher, é necessário estar ao lado das lutas progressistas engajadas na transformação das condições sociopolíticas que estruturam as desigualdades de classe, gênero e étnico-raciais. Não basta falar, pois é necessário construir “um falar-mulher entre mulheres” que fortaleça a luta por igualdade entre os sexos. Para Irigaray (2017), trata-se de um falar-mulher para mulheres no qual elas possam criar uma nova sintaxe e posição discursiva estruturada na valorização de sua beleza e da potência das mulheridades (Cixous, 2022), com vistas à construção de lógicas discursivas resistentes ao patriarcado. Essa fala das mulheres poderia ser escrita, publicizada, publicada como um grito de liberdade?

A partir desses questionamentos e reflexões, uma cadeia associativa seguiu na direção de problematizar que o fato de o pretendente ser mais velho pode significar o desejo de acolhimento e proteção em situação de pandemia, em razão de o terror da morte estar constantemente à espreita. Vivian relata ter sido uma mulher ativa e independente, já ter atingido o patamar de trabalhar em uma grande corporação, mas resolveu sair para realizar o sonho de cursar uma segunda graduação em psicologia. Atualmente, entretanto, ela se permite almejar um amor, alguém que cuide dela e a proteja.

Uma das integrantes ressaltou os questionamentos presentes na narrativa do sonho, expressando dúvidas, o que pode refletir sentimentos ambivalentes da sonhante, pois será que ela quer e tem espaço para alguém em sua vida como nos moldes apresentados no cenário onírico no qual é o homem quem conduz e tem lugar central no sonho? Vivian, também se questiona sobre o seu próprio desejo: “Será que eu vou conseguir ter interesse por outras coisas?”.

Outra participante solicitou que a sonhante identificasse quem poderia ser o homem no ambiente onírico. A sonhante o comparou ao galã Richard Gere, o protagonista do filme *Uma Linda Mulher* (Marshall, 1990). O longa-metragem relata a história de uma prostituta de luxo, Vivian Ward (interpretada pela atriz Julia Roberts), que conquista o homem ideal com seu jeito espontâneo de ser. Discutiu-se sobre o papel da indústria cultural (Horkheimer & Adorno, 1985) que pode delinear modos de a mulher se comportar na sociedade e sustentar os finais “felizes para sempre” dos contos de fada: a prostituta é transformada em princesa, é retirada do limbo e torna-se uma linda mulher pelas mãos de um homem alinhado aos padrões de beleza hollywoodianos. Assim, o sonho atualiza a frase célebre dos filósofos frankfurtianos: a indústria cultural transforma o amor em romance.

A segunda dimensão do tratamento do sonho: o interspíquico acompanhado da crítica à cultura. Um estudante se recordou de um sonho compartilhado por ele em outro encontro da Roda, no qual ele se via na pele e no corpo de uma mulher que sofria abusos sexuais, e emitia a seguinte sentença enigmática: “Abusos que mulheres costumam sofrer”. Há um embaralhamento entre as posições feminino/masculino, resgatando a orientação bissexual humana. As integrantes assinalam que a frase é emblemática, pois revela o que acontece na cultura contemporânea: certa dificuldade de as pessoas nomearem violências, acompanhadas de certos impedimentos implícitos e explícitos em acusar e punir os abusadores. Várias participantes relataram já terem experimentado violências sexuais em diferentes níveis em suas vidas. Uma integrante diz que se o alvo é o corpo da mulher, o agressor é aquele que não tem rosto. Quem padece é quem denuncia a agressão, pois sofrerá a exposição de sua privacidade e será julgada pela sociedade.

4 Para não identificar a sonhante escolhemos este nome fictício inspirado na protagonista Vivian Ward, interpretada por Julia Roberts no filme *Uma Linda Mulher* (Marshall, 1990).

Como afirma Kaës (2004), assim como Freud considerou que sonhos produzidos na mesma noite se comunicam entre si, há o diálogo entre as duas narrativas oníricas compartilhadas no mesmo encontro da Roda. Esse novo sonho dispara lembranças em Vivian, a qual revela ter havido outro motivo para pedir demissão do emprego estável e com ótimo salário: o assédio sexual que sofria no trabalho, compartilhado por outras mulheres empregadas na mesma organização. Ela afirma ter saído em silêncio da empresa, sem denunciar os abusos sexuais e sociais de seus antigos chefes.

Nos processos associativos do grupo foi possível explicitar as diferentes formas de violência que aparecem no sonho de Vivian, escondidas em fachadas muito bonitas, espetacularizadas e glamourizadas. Há um processo de socialização que aprisiona as mulheres em uma posição subjetiva com poucas alternativas de saídas dos labirintos opressores. Há um suposto lugar de obrigação que acorrenta a mulher, inibindo-a em sua capacidade de ser ativa socialmente e potente em sua feminilidade. Então, como disse uma das integrantes da Roda: “este sonho é muito bonito, mas ele também é muito violento”.

No que se refere à prostituição, alguns psicanalistas críticos ao patriarcado têm apontado para o fato de que os homens procuram as prostitutas como forma de proteger a sua virilidade dos perigos do amor romântico, pois elas os ajudariam a resguardar “uma distância prudencial com as mulheres” (Alonso & Fuks, 2014, p. 257). Ademais, Alonso e Fuks (2014, p. 257) fazem referência à Volnovich ao afirmar que:

(...) o patriarcado como sistema de domínio e exploração, através do crescimento explosivo e recorrente da clientela de prostitutas, respondeu à necessidade de implantar um dispositivo capaz de enfrentar esses perigos. No entanto, vemos que sua significação varia. Se até um século atrás frequentar um prostíbulo podia envolver transgressão às prescrições burguesas e um mergulho na vida boêmia, atualmente supõe uma submissão cúmplice, sem questionamento algum à sociedade de consumo, tanto de coisas quanto de pessoas e ao mandato do dinheiro.

Portanto, no filme *Uma Linda Mulher* (Marshall, 1990) o que é ressaltado é o amor romântico em uma narrativa fílmica que se estrutura como conto de fadas, mas os integrantes do grupo puderam realizar uma leitura crítica aos valores patriarcais e capitalistas e indicaram a relação de usura com o corpo da mulher, uma forma de objetificação associada à exploração sexual.

Ainda quanto à crítica ao patriarcado, há muito tempo que a figura do pai – representada pela imagem de um homem mais velho, caracterizado como protetor, provedor e superpoderoso responsável pela educação e garantia da segurança, conforto e lei na família – é questionada. É possível citar os estudos críticos à cultura que analisaram as famílias nucleares e demonstraram o enfraquecimento da figura paterna nos lares, seja em decorrência do acesso das mulheres às universidades e ao mercado de trabalho (Costa, 2020), seja pela transmissão das normas de convivência na sociedade por meio dos produtos da indústria cultural (Horkheimer & Adorno, 1985). Esses autores da Teoria Crítica da Sociedade indicaram novas configurações subjetivas mediadas pela mercadoria em situações nas quais a indústria da cultura invadia os espaços psíquicos da subjetividade humana e os processos de socialização. Apesar desse avanço, houve retrocessos, pois os teóricos críticos foram condescendentes com a figura paterna e mantiveram a importância de resgatar esse tipo de autoridade no núcleo familiar. Para Costa (2020), trata-se de buscar formas alternativas e institucionais de gerir os trabalhos reprodutivos vinculados não só à maternagem, mas também aos trabalhos de cuidado restringidos ao ambiente doméstico. Nas palavras da autora:

Sabe-se que a situação do patriarcado não é expressada somente pela condição do homem nas suas interações sociais, mas esta é definida relativamente à situação da mulher em meio às mesmas determinações contextuais. A forma como a exploração da mulher no capitalismo patriarcal é justificada encontra a sua sustentação principalmente em uma concepção naturalizada e objetificada da mulher. Tomando a maternidade como exemplo privilegiado, a mulher é vista como instintivamente “materna”, natural e biologicamente propícia ao auto sacrifício em favor da reprodução humana. Nesse âmbito, a psicanálise freudiana – que se situa no período da passagem do capitalismo liberal ao monopolista, momento em que a situação familiar edípica começa a se desestruturar – seria um dos terrenos mais férteis para o debate entre natureza e cultura envolvido na formação da mulher entendida como determinada à maternidade (Costa, 2020, p.227).

Nessa linha de raciocínio, algumas feministas têm sugerido revisões na teoria da sexualidade feminina na obra freudiana, cuja felicidade da mulher está atrelada ao exercício da maternagem. Irigaray (2017) apresenta várias autoras que criticaram a ideia de anatomia como destino de vulnerabilidade e violência. Para a filósofa, a vagina, o clitóris e a vulva podem ser valorizados por conta de uma anatomia que junta dois grandes lábios que despertam o prazer feminino e potencializam a superação dos binarismos na experiência sexual e erotizada. Há uma crítica ao raciocínio que hierarquiza os órgãos sexuais e considera posições subjetivas de modo binário: masculino ou feminino; atividade ou passividade. Além disso, há que se considerar a potencialidade do exercício erotizado da bissexualidade nas mulheres. A linguista e psicanalista também indica as possibilidades de as mulheres inventarem um vocabulário e outra posição subjetiva que não seja a de apassivadas e receptoras dos desejos dos homens, sempre reféns do despotismo masculino como é aludido a todo o tempo no filme *Uma Linda Mulher* (Marshall, 1990).

A terceira dimensão do tratamento do sonho: a prospectiva. É preciso instaurar uma agenda que inclua os debates sobre violência de gênero para que atos violadores de direitos não mais aconteçam. Portanto, a questão que não quer calar pode ser enfim formulada: por que ainda persistem nos sonhos e no cotidiano, a presença de relações amorosas com homens mais velhos, representando segurança e proteção? Por que ainda permanece um discurso repetitivo no qual as mulheres precisam do assunto homem para mediar a relação e a convivência entre elas? Como sair dessa posição subjetiva em direção a uma busca ativa de amores possíveis além de modelos monogâmicos e heteronormativos? O encaminhamento desta problematização pode estar na afirmação de Mitchell (1979, p. 381):

A longevidade da opressão das mulheres não é trivial nem historicamente transitória; para se manter de forma tão efetiva, ela percorre a corrente mental e afetiva. Pensar que isto não deveria ser assim não implica que já não seja mais assim.

Santos (2020), inspirada nas ideias da poeta Adrienne Rich, assinala que os modos de vida das mulheres autônomas, independentes financeiramente, solteiras, as *femmes seules*, viúvas, as consideradas solteironas e as lésbicas, ainda sofrem injúrias moduladas pelo escárnio e pela violação de direitos que podem chegar ao ato, ao feminicídio. A despeito disso, as autoras criticam uma forma compulsória da heterossexualidade presente no processo de socialização no capitalismo ocidental. Elas trazem como contraponto a essa compulsoriedade a importância dos laços de sororidade nas experiências lésbicas:

O que quer dizer que a experiência lésbica não se resume ao fato de que algumas mulheres conscientemente desejam ou desejaram ter “experiências genitais com outras mulheres”, mas reconhece “muitas outras formas de intensidade primária entre mulheres, incluindo o compartilhamento de uma rica vida interior, a união contra a tirania masculina, o apoio prático e político” dado umas às outras (Rich citada por Santos, 2020, p. 198).

A narrativa onírica intitulada “A Fuga das Galinhas”

O meu sonho é meio estranho e, às vezes, se repete de várias outras formas. Ele se passa em uma das escolas que eu já estudei durante o ensino fundamental, mas o ambiente é o do ensino médio. De repente há uma confusão e eu me questiono: ‘Eu já sou formada e tenho meu diploma, mas o quê que eu estou fazendo aqui?’. Eu estava lá e fui para a aula de artes, e era para a turma fazer alguma coisa com o ovo e eu não sei por que eu comi aquele ovo, e quando eu fui mordê-lo, ele se abriu e tinha um pintinho dentro da minha boca, piando. Eu fiquei super assustada e “cuspi” a avezinha. Eu só sei que vieram umas galinhas e uns galos atrás de mim por causa do piado do pintinho. E, enfim, foi basicamente isso. (Trecho da Roda)

Os processos associativos grupais e a dimensão “singular” de tratamento do sonho. Este sonho foi compartilhado por uma universitária do primeiro ano do curso de psicologia que ainda não conhecia o espaço físico da universidade e a convivência com professores e estudantes se restringiu ao espaço on-line das aulas remotas no ano de 2021. Em suas primeiras associações, ela afirmou ter ficado traumatizada quando em sua infância assistiu ao filme *A Fuga das Galinhas* (Park & Lord, 2000). Ginger⁵ disse ter se identificado com o sofrimento daquelas aves que viviam em cativeiro, destinadas à morte coletiva em uma máquina de fazer tortas de frango. Por esse motivo, ela passou a se recusar a comer carnes de qualquer tipo de animal. Contudo, a mãe dela sempre impôs uma alimentação baseada em proteínas animais, de modo que a sonhante voltou a comer esse tipo de alimento, embora continue com o medo de abrir um ovo e encontrar um pintinho morto dentro dele. Pode-se afirmar, portanto, que se trata de um sonho cuja função é a de elaboração psíquica de acontecimentos traumáticos, por seu caráter repetitivo e pelo fato de que a sonhante acordou muito angustiada.

A facilitadora perguntou se o filme trazido pela sonhante seria o de Quico Meirelles intitulado *A Galinha que Burlou o Sistema*, de 2012, cujo roteiro questiona os maus tratos aos animais alimentados com diversos tipos de ração para crescerem rápido em direção ao abate. Na película, a personagem galinha, em carne e osso, ao descobrir o seu destino para a morte, tem uma tentativa de rebelião frustrada e foge do cativeiro. As estudantes riem e dizem que se trata, na verdade, de uma animação direcionada ao público infantil.

Em um primeiro momento, as facilitadoras suspeitaram de certa infantilização da sonhante ao estabelecer associações entre o seu sonho e filmes de animação do tipo stop-motion. Mas, como nos alerta Kaës (2004), mais importante do que o conteúdo do sonho, são os efeitos produzidos pelo material onírico em um grupo. A despeito disso, há alusão à fragilidade dos pintinhos, que em algumas cidades são vendidos como brinquedos para as crianças em feiras livres e morrem facilmente, exigindo muitos cuidados para sobreviver longe da companhia dos representantes de sua espécie. Assim, no decorrer das cadeias associativas relacionadas ao processo de amadurecimento forçado travestido na imagem de um ovo que se transforma,

5 Para não identificar a sonhante, escolhemos este nome fictício inspirado na protagonista do filme *A fuga das Galinhas* (Park & Lord, 2000).

instantaneamente, em pintinho, adveio o debate sobre o sofrimento de jovens diante da pressão das provas do vestibular e a urgência de ter que escolher uma profissão sem se sentirem maduras para tal empreitada.

A segunda dimensão do tratamento do sonho: intersíquica acompanhada da crítica à cultura. Nas associações grupais destacam-se os sonhos típicos, assim considerados porque estão presentes no espaço onírico de muitos sonhantes e figuram elementos comuns de determinado contexto sociopolítico. O que é habitual é o fato de que a sonhante precisa passar por um teste e prova, embora ela já estivesse formada, havendo embaralhamento de tempos históricos nos quais a angústia de ser avaliada está presente. Essa constatação desencadeou associações no grupo sobre o quanto nos sentimos ameaçadas em nosso status social, o nosso medo de perder posições já conquistadas devido à corrida de obstáculos que significa viver na concorrência exacerbada que estrutura a sociedade do capitalismo tardio.

No caso da narrativa onírica de Ginger, há o embaralhamento de espaços e tempos. Ora ela estava no ambiente de sua escola do ensino fundamental, local onde foi mais feliz, ora ela está no espaço onde sofreu muitas pressões por conta dos preparativos para as provas dos vestibulares. No sonho, ela tinha de fazer um exame, apesar de já estar formada. Trata-se da lembrança de sua primeira escolha de curso situado no topo da hierarquia das profissões: a medicina.

As ressonâncias significativas com outras participantes se referiram ao fato de que muitas das estudantes prestaram vestibulares por dois, três ou mais anos e tiveram de voltar para os cursinhos preparatórios, pois foram reprovadas em sua primeira opção vinculada a cursos mais concorridos como medicina e arquitetura. Assim, nas associações grupais, constatou-se que a entrada no curso de psicologia, como segunda escolha na lista de prioridades, é considerada uma conquista possível dentre a variedade de graduações ofertadas. Todavia, algumas dessas jovens precisaram abdicar do desejo associado ao ideal de poder e ascensão financeira dos profissionais de medicina. Ou seja, trata-se de um desejo transformado devido à concorrência, mas que retoma sua força de contra-investimento no material onírico.

Portanto, os componentes do grupo fizeram alusão à exigência de excelência dos profissionais em uma organização social muito hierarquizada, na qual sempre haverá um exame ou uma etapa de avaliação para se atingir um patamar mais alto na carreira e garantir ser o melhor naquilo que se faz. A questão da desigualdade socioeconômica veio à tona, pois as universitárias se compararam com os estudantes dos cursinhos populares que têm condições muito precárias dos usos e abusos do tempo, muito dele perdido em deslocamentos territoriais. Além disso, houve a crítica às dificuldades de acesso a instituições escolares, culturais e de saúde para determinadas populações em situação de vulnerabilidade social, dificultando a entrada nas melhores universidades brasileiras. Essa associação é estabelecida por uma das universitárias que atua como extensionista no cursinho popular doando seu tempo e conhecimento ministrando aulas de filosofia para os estudantes. Ela também tem a grade horária sobrecarregada de tarefas diversas, mas muitas dessas atividades valem a pena e dão significado à vida, pois estão direcionadas para o bem-viver no coletivo. Ou seja, ela é uma das estudantes que colabora com a partilha de conhecimentos e contribui para uma luta justa, com o intuito de possibilitar às juventudes pobres o exercício do direito de acessar e usufruir dos conhecimentos produzidos dentro de uma universidade pública.

Portanto, na Roda de Conversa sobre Sonhos, as mulheres são convidadas a escreverem e contarem seus sonhos, que trazem elementos autobiográficos atravessados por normas e valores vinculados à sociedade patriarcal e concorrencial na qual qualquer descuido pode significar exclusão de um coletivo. Poder colocar essas condições de vida em discussão possibilita uma abertura para que elas se inscrevam de outra forma na sociedade e possam exercitar o sorriso da Medusa. Essa imagem é destacada por Cixous (2022) ao retomar a forma como Freud e a mitologia grega retratam uma mulher que teve suas línguas soltas transformadas em serpentes que amedrontavam os homens. Estes, defendidos diante de tal poder, arrancaram sua cabeça. Para Cixous (2022) haverá mais riso no rosto da Medusa do que decapitação daquelas que ousam pensar, falar, escrever e voar:

Heterogênea, sim, em benefício de sua alegria ela é erógena, ela é a erogeneidade da heterogeneidade; não é a ela mesma que ela se agarra, a nadadora aérea, a ladra/a voadora. Dispersável, pródiga, deslumbrante, desejosa e capaz de outro, de outra mulher que ela será, de outra mulher que ela não é, dele, de você (Cixous, 2022, p. 72).

A terceira dimensão do tratamento do sonho: a prospectiva. Na Roda, a cadeia associativa se referiu aos desafios das juventudes ao abandonarem o espaço da vida privada e familiar e ao adentrarem lugares da vida pública representados pela convivência com novas amigas. Há destaque para a fragilidade da vida das juventudes que estão vinculadas a certo momento de transição experimentado pelas universitárias entre a adolescência, juventude e idade adulta, diante da coerção de ter que decidir a profissão e qual graduação cursar. São as errâncias e as novas responsabilidades que atormentam a saída da adolescência em direção à vida de jovem adulta, como, também, o excesso de angústia referente ao questionamento daqueles valores patriarcais transmitidos pelas figuras parentais, consideradas ideais, responsáveis por moldar processos de identificação (Coutinho, 2009) constituintes do sujeito. Assim, o significante “fuga” vai sendo delineado como modo de escapar da opressão familiar e dos projetos restritos antes oferecidos pelos territórios ocupados por essas mulheres no período da infância e puberdade, fazendo com que elas percebam na aprovação do vestibular e na entrada na universidade, a abertura

para outros horizontes políticos em suas vidas.

A despeito disso, o ambiente universitário poderia ser considerado como ponto de fuga, e que, decorrendo desse significativo, há a associação com o título do filme *A Fuga das Galinhas* (Park & Lord, 2000). O pintinho na boca foi associado às experimentações sexuais das juventudes e os sentidos da palavra “galinha” relacionam-se às mulheres que exercitam livremente a erotização da vida, reivindicando o direito ao prazer sexual para todos os gêneros e orientações sexuais. Portanto, assim como os pintinhos que representam a etapa mais frágil na cadeia alimentar, as jovens se sentem expulsas do ensino médio, já não se adequam à norma familiar burguesa, são excluídas do curso de medicina e, como afirmou uma das integrantes: “precisam forjar asas às pressas para poder voar e aportar em algum lugar – galinhas, pintinhos, asas, vôo na direção de possibilidades de acolhimento coletivo”.

Nas palavras de Cixous (2022, pp. 66-67):

Se a mulher sempre funcionou “dentro” do discurso do homem, significante permanentemente reenviado ao significante oposto, que aniquila sua energia específica, que recebe e sufoca seus sons tão diferentes, é hora dela deslocar esse “dentro”, de explodi-lo, de revirá-lo e de se apropriar dele, de o transformar em seu, compreendendo-o, tomando-o em sua própria boca; que, com seus próprios dentes, ela morda a língua dele, que ela invente uma língua para enfiar nele. (...) Não se apoderar para interiorizar, ou para manipular, mas para atravessar de um salto e “voar”.

Considerações finais

Voar é o gesto da mulher, voar na língua, fazê-la voar (Cixous, 2022, p.67).

Neste artigo apresentamos o processo de criação de um grupo de acolhimento no qual são priorizadas e compartilhadas as experiências oníricas comuns, envolvendo processos de identificação entre participantes. Ou seja, desloca-se o sonho da esfera do singular em direção à construção de uma tessitura coletiva, polifônica e interdiscursiva (Kaës, 2004). Nessa perspectiva da partilha de experiências e dos processos associativos grupais, foi possível considerar as três dimensões de tratamento do material onírico: singular, intersíquica acompanhada da crítica à cultura e prospectiva. Nesse sentido, delineamos as expectativas sobre as atitudes das mulheres na sociedade contemporânea e os impasses colocados para elas quando em contato com ambientes universitários que criticam os modelos heteronormativos e sexistas vinculados ao patriarcado.

Cabe ressaltar que o curso de psicologia tem em seu alunado a maioria de mulheres, mas quando se verifica o quadro docente há maior proporcionalidade de professores do que de professoras. Em relação aos autores de referência na matriz curricular do curso, há muitos filósofos homens cisgêneros, brancos e europeus, apesar de estar em processo de transformação devido às críticas de autoras feministas negras decoloniais que têm denunciado esta dominação masculina. Ribeiro (2017) denunciou a ausência de nomes como Sueli Carneiro, Conceição Evaristo e Neusa de Souza Santos nas grades curriculares dos cursos de graduação. São autoras que apresentam uma metodologia de escrita autobiográfica, cujo objetivo é o de explicitar as opressões sofridas pelas mulheres na contemporaneidade. Portanto, a entrada na universidade pública, pode significar ameaças, mas também certo exercício de liberdade de expressão e pensamento na vida das mulheres advindas de diferentes classes sociais, acompanhadas da capacidade de exercício da fala e da escrita desenvolvida durante os percursos da graduação e da pós-graduação.

Nós entendemos que criticar o lugar ocupado pelas mulheres no discurso pode ser um grito de liberdade em direção a uma sintaxe mais inventiva. Portanto, cabe retomar as reflexões de Cixous (2022) sobre o fato de todas as mulheres serem lindas e deverem se adequar a olhares que as libertem, pois, entre elas, uma não faltará à outra. A filósofa busca parcerias para uma escrita feminina conjunta na direção de edificar novos modos de estar no mundo e afirma:

Eu sou para você o que você quer que eu seja no momento em que você me olha de uma maneira que você nunca me viu: a cada instante. Quando eu escrevo, são todos aqueles que não sabemos que podemos ser, que se escrevem a partir de mim, sem exclusão, sem previsão (...). (Cixous, 2022, p. 81)

Nessa linha de raciocínio, Vyrgioti (2020) indica o recalçamento na história da psicanálise das relações homoafetivas entre mulheres, seja o apagamento da experiência de Anna Freud, seja o modo descuidado como Freud tratou do caso da adolescente que tentou suicídio devido seus pais não aceitarem a sua relação com mulheres. Os dois acontecimentos são considerados uma afronta ao modelo patriarcal, que ainda impregna alguns modos de exercitar o cuidado na clínica e produzir teoria em psicanálise.

Portanto, podemos afirmar que os três produtos da indústria cultural que interferiram nos sonhos e nos processos associativos grupais têm figuras femininas como protagonistas: Vivian Ward (a prostituta interpretada por Julia Roberts), Ginger (a boneca de massinha dublada por Julia Sawalha) e a galinha em carne e osso (na voz de Cecília Homem de Mello).

Tanto Vivian quanto Ginger encontram o seu amor no final da história, apesar da profissão da primeira e da liderança destemida da segunda, responsável por libertar o galinheiro.

No caso dos filmes *Uma Linda Mulher* (Marshall, 1990) e *A Fuga das Galinhas* (Park & Lord, 2000) há a transmissão do modelo heteronormativo, a despeito das protagonistas não serem recatadas e do lar. Vivian e Ginger não se conformam com o seu destino social e uma delas é salva por homens bem-posicionados socioeconomicamente, enquanto a outra é ajudada por um galo que, supostamente, sabe voar em direção a uma nova vida. A despeito disso, elas estão sempre na companhia de figuras masculinas fortes e enquadradas nos padrões de beleza da indústria cultural hollywoodiana. Mesmo que se trate de dois produtos culturais diferentes, um direcionado para o público infantil e o outro para o público adulto, ambos, distraidamente, impõem padrões de como as pessoas devem viver socialmente na busca repetitiva por um final feliz restrito às idealizações do amor romântico.

Já no filme *A Galinha que Enganou o Sistema*, de Quico Meirelles (2012), há a solidão da galinha que não se conforma com seu destino social, restrito a uma vida sem liberdade e direcionada para o abate, para a morte. Ela protagoniza discursos a favor da liberdade no cativeiro, mas nenhuma das outras aves a escuta, pois estão ocupadas a comer as rações recebidas em profusão para manterem o crescimento e peso ideais. O seu final é o do salto para o infinito, como se tivesse asas para voar, um vôo sem garantias, apesar de ser um ato que perverte o destino reservado a ela, apontando para a direção da sua própria liberdade.

Como pintinhos e galinhas em cativeiro, em tempos de pandemia, estamos vivendo só para o abate final? Ou estamos construindo uma existência repleta de atividades significativas vinculadas às diversidades que ampliam as nossas perspectivas de vida? Essas são questões presentes nas Rodas de Conversa sobre Sonhos, orientadas para um devir mulher, para uma posição subjetiva feminina mais ativa, inventiva, potente e, talvez, que se refere às mulheres que se arriscam na busca por reverter contextos sociopolíticos adversos ao bem comum e que, assim, quiçá, poderão voar na direção de paragens mais libertárias.

Referências

- Alonso, S. L., & Fuks, M. F. (2014). A construção da masculinidade e a histeria nos homens na contemporaneidade. In: P. Ambra, & N. Silva Jr., *Histeria & gênero: Sexo como desencontro* (pp. 243-268). nVersos.
- Atwood, M. (2017). *O conto da aia*. Rocco.
- Beradt, C. (2017). *Sonhos no Terceiro Reich: Com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. Três Estrelas.
- Cixous, H. (2022). *O riso da Medusa*. Bazar do Tempo.
- Companhia das Letras. (2020, 24 de Maio). *Mesa 6: Sonhos para adiar o fim do mundo, com Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>
- Costa, V. H. F. (2020). Sobre o declínio da autoridade paterna: Uma discussão entre teoria crítica e psicanalistas feministas. In: A. M. Parente, & L. Silveira (Orgs.), *Freud e o patriarcado* (pp. 221-234). Editora Hedra.
- Coutinho, L. G. (2009). *Adolescência e errância: Destinos do laço social no contemporâneo*. Faperj, Nau editora.
- Ferrante, E. (2011). *A amiga genial: Infância, adolescência*. Biblioteca Azul.
- Freud, S. (2019). *Sigmund Freud obras completas: A interpretação dos sonhos* (vol.4). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1900)
- Freud, S. (2010). *Além do princípio do prazer* (vol. 14). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1920)
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 223-244. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos*. Jorge Zahar.

- Gyllenhaal, M. (Diretora). (2021). *A Filha Perdida* [Filme]. Netflix.
- Horkheimer, M. & Adorno, T. (1985). A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: T. Adorno & M. Horkheimer, *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos* (pp. 113-156). Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1947).
- Imbrizi, J. M. (2020). Estudantes na corda bamba diante do ódio direcionado às universidades públicas brasileiras. In: A. L. G. Bastos & Assuar, G. (Orgs.), *Além do vírus: Psicanálise e resistência* (pp. 95-107). Zogodoni.
- Imbrizi, J. M. (2022, Janeiro). *Uma mulher sozinha é apenas a mulher que quer ficar sozinha e pode não desejar ser perturbada por transeuntes*. Psicanalistas pela Democracia. <http://psicanalisedemocracia.com.br/2022/01/uma-mulher-sozinha-e- apenas-a-mulher-que-quer-ficar-sozinha-e-pode-nao-desejar-ser-perturbada-por-transeuntes-por-jaqueline-imbrizi/>
- Imbrizi, J. M., Kinker, F. S., Azevedo, A. B. de, & Jurdi, A. P. S. (2018). Narrativas de vida como estratégia de ensino-aprendizagem na formação em saúde. *Interface*, 22(66), 929-938. <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0168>
- Imbrizi, J. M., Silva, M. D., Lemos, I. M., Teixeira, L. C., & Rosa, M. D. (2021). “Máquina de moer sonhos”: A pandemia e os sonhos das juventudes. In: C. Dunker, C. Perrone, G. Iannini, M. D. Rosa, & R. Gurski (Orgs.), *Sonhos confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia?* (pp.171-192). Autêntica.
- Imbrizi, J. M., Silva, J. de S., Ramos, G. C., Segalla, L., Gomes, J. T., & Spaziani, R. B. (2022). Como a violência de gênero aparece no material onírico e nos processos associativos em um grupo de partilha de sonhos. In: L. C. Teixeira, L. J. B. Danziato, D. M. Cruz, J. M. T. Tomaz, & J-L. Gaspard. (Orgs), *Violência de gênero: Aportes conceituais e estratégias de enfrentamento* (pp. 89-105). CRV.
- Irigaray, L. (2017). *Este sexo que não é só um sexo: Sexualidade e status social da mulher*. Senac.
- Kaës, R. (2004). *A polifonia do sonho*. Editora Ideias e Letras.
- Kaur, R. (2017). *Outros jeitos de usar a boca*. Editora Planeta do Brasil.
- Marshall, G. (Diretor). (1990). *Uma Linda Mulher* [Filme]. Touchstone Pictures.
- Martins, A. de S., & Moreira, L. S. (2020). A origem do destino criado para as mulheres pela psicanálise: Por uma leitura reparadora através das atas da Sociedade das Quartas-feiras. In: A. M. Parente, & L. Silveira (Orgs.), *Freud e o patriarcado* (pp. 53-71). Editora Hedra.
- Meirelles, Q. (Diretor). (2012). *A Galinha que Burlou o Sistema* [Filme]. 02 Filmes.
- Miller, B. (Roteirista). (2017). *The Handmaid's Tale* [Série]. Paramount.
- Mitchell, J. (1979). *Psicanálise e feminismo*. Interlivros.
- Park, N., & Lord, P. (Diretores). (2000). *A Fuga das Galinhas* [Filme]. Aardman Animations.
- Pierre, E., & Coelho, H. (2021, 24 de Novembro). Caso Flordelis: Quem são os réus pela morte do pastor Anderson do Carmo. G1. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/11/24/caso-flordelis-quem-sao-os-reus-pela-morte-do-pastor-anderson-do-carmo.ghtml>
- Ramos, G. C., Silva, J de S., Segalla, L., Gomes, J. T., Spaziani, R. B., & Imbrizi, J. M. (2021). Roda de Poesia: A construção do cuidado entre mulheres. In: A. C. Bortolozzi, P. R. M. Ribeiro, F. Teixeira, I. Chagas, T. Vilaça, P. de O. e S. P. Mendes, S. M. M. de Melo, C. R. Rossi, & I. P. Martins. (Orgs.), *Questões sobre gênero: Novos paradigmas e horizontes*. (v1, pp. 185-195). Gradus Editora.

- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Letramento, Justificando.
- Ribeiro, D. (2018). *Quem tem medo do feminismo negro?* Companhia das Letras.
- Ribeiro, D. (2019). *Pequeno manual antirracista*. Companhia das Letras.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta/Fapesp.
- Santos, B. (2020). Imposições sexuais e diferenças entre os sexos: Bruxas, femmes seules, solteironas e S. Freud. In: A. M. Parente, & L. Silveira (Orgs.), *Freud e o patriarcado* (pp. 197-204). Editora Hedra.
- Silva, J. de S., Paegle, P. A. M., Freitas, J. C. de & Imbrizi, J. M. (2021). Resquícios da ditadura na narrativa onírica: O trabalho de luto que transcende o pandêmico. *Revista de Psicologia da Unesp*, 20(1), 270-298. <https://doi.org/10.5935/1984-9044.20210014>
- Vyrgioti, M. (2020). Bêtes noirs: As mulheres queer da psicanálise. In: A. M. Parente, & L. Silveira (Orgs.), *Freud e o patriarcado* (pp. 72-86). Editora Hedra.
- Ubuntu Psicanálise. (2021, 15 de Março). *Indústria Cultural e produção onírica no contemporâneo: Aula Aberta c/ Tales Ab'Sáber* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=h1MM6TCsQSQ&t=1023s>

Como Citar:

Imbrizi, J. M., & Silva, J. S. (2023). O sonho de mulheres que voam rumo à universidade pública. *Revista Subjetividades*, 23(3), e13627. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i3.e13627>

Endereço para correspondência

Jaquelina Maria Imbrizi
Email: jaquelina.imbrizi@unifesp.br

Jussara de Souza Silva
Email: jussara.souza@unifesp.br



Recebido: 19.03.2022

Revisado: 16.12.2022

Aceito: 28.12.2022

Publicado: 10.11.2023